

Café com Pesquisa considerações em torno de um espaço de interlocação acadêmica

Francisco Sales Trajano Filho

Arquiteto, professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, sales@sc.usp.br

George Alexandre Ferreira Dantas

Arquiteto e urbanista, doutorando do programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, georgeafdantas@hotmail.com

Michelly Ramos

Arquiteta e urbanista, doutoranda do programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da EESC/USP, Avenida Trabalhador Sancarlense, 400, CEP 13566590, São Carlos, SP, (16) 33739294, michellyramos@terra.com.br

Rodrigo Firmino

Arquiteto e Urbanista professor em Gestão Urbana da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Rua Imaculada Conceição, 1155, Parque Tecnológico, Bloco 3, 2o Andar, Prado Velho, 80215-901 - Curitiba, PR - Brasil, Telefone: (41) 32712623, rodrigo.firmino@pucpr.br

No meio caminho entre a exposição informal e o rigor sempre bem-vindo ao trabalho científico, desde o final de 2005 se realizam no âmbito do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC os seminários Café com Pesquisa, evento criado e coordenado por alunos e pesquisadores¹ vinculados ao programa de pós-graduação do departamento com a finalidade de fomentar a exposição e o debate de pesquisas e estudos conduzidos no largo campo de interesse da arquitetura e do urbanismo.

Com apoio institucional e de pessoal do departamento desde sua criação e prestes a completar dois anos de atividades, o Café com Pesquisa tem sua origem atrelada à conjuntura peculiar de reflexão, revisão e definição de novas perspectivas que caracterizou o ano de 2005 no contexto departamental, no marco das comemorações pelos vinte anos de existência do curso de graduação e dos trinta e cinco anos da pós-graduação. Ocasão em que se realizaram seminários congregando docentes e discentes no sentido de entender e debater os impasses, potenciais e características a desenvol-

ver em ambos os estágios de formação. Embora não seja um mero desdobramento ou consequência direta dessa circunstância, é certo que as questões suscitadas em meio a esse esforço coletivo de auto-avaliação permearam a organização do evento, surgido na confluência de movimentos individuais e institucionais na busca por estruturar espaços de reflexão e de conhecimento da própria produção científica, por estabelecer momentos de interlocação que constituem e fortalecem o próprio ambiente acadêmico.

Em relação particularmente à pós-graduação, o Café com Pesquisa configurou-se como uma das respostas à carência de oportunidades de discussão constatada entre os alunos, cuja demanda comparecia com frequência na pauta das reuniões discentes. Resposta esta que deve ser encarada como parte de um conjunto mais amplo de estratégias de natureza coletiva em que estrutura departamental e alunos possam vir a colaborar intensamente.

O evento segue uma programação semestral com edições quinzenais de apresentação de pesquisa-

1. Com a intenção de evitar o risco de personalização do Café com Pesquisa, é estimulado o processo de renovação constante de seus coordenadores. Para isso, no entanto, é vital a disposição e o interesse dos novos pós-graduandos ingressantes no programa a cada ano. Desde sua criação, a coordenação está a cargo de George Alexandre Ferreira Dantas (doutorando), Francisco Sales Trajano Filho (doutorando e professor assistente deste departamento) e Rodrigo José Firmino (pós-doutorando) que recentemente deixou a equipe e hoje é professor junto à PUC-PR (Curitiba). No início de 2007, seguindo a premissa da renovação de coordenadores, ingressou no grupo a doutoranda Michelly Ramos de Angelo.

dores, docentes e discentes, bem como convidados externos, sejam estes professores em visita ao departamento ou participantes de bancas de qualificação ou defesa das teses e dissertações. Os trabalhos contemplam diversos estágios da pesquisa, abarcando desde propostas de investigação, estudos em andamento, artigos publicados ou trabalhos finalizados, sem restrições ou triagens quanto ao conteúdo a ser exposto. Fora casos excepcionais, como a eventual presença de pesquisadores de outras instituições, é estimulada a participação espontânea e de livre iniciativa dos interessados com base no calendário de datas disponibilizado a cada início de semestre letivo.

Com mais de trinta edições realizadas, em termos numéricos tem prevalecido a participação de pesquisadores, professores e alunos vinculados ao programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da EESC. Além desses, o evento também contou nesse tempo com a presença de professores de outras universidades brasileiras e do exterior e arquitetos de ofício, como Otávio Leonídeo (PUC-RJ), Marcos Acayaba (FAU-USP), Adilson Macedo (FAU-USP), Fernando de Mello Franco (Escritório MMBB), Ruth Verde Zein (Mackenzie/Anhembi Morumbi) e Miguel Vitale (FADU-UNL, Argentina).

Quanto ao teor e área de origem das pesquisas apresentadas, nota-se o predomínio claro de trabalhos advindos do campo da teoria e história da arquitetura e do urbanismo, que concentra em torno de 85% do total, com o restante preenchido por pesquisas na área de tecnologia.² Essa disparidade numérica, se não configura uma distorção da natureza do evento, de ampla abertura e sem discriminações quanto à temática dos trabalhos, configura um desequilíbrio indesejável cujo efeito imediato, e negativo, é associá-lo estreitamente a um campo de estudos específico. Tal aspecto é preocupante e tem merecido a atenção dos coordenadores mas, todavia, permanece incontornável. Uma saída que se discute é o convite dirigido a pesquisadores ligados à área de tecnologia (construção civil, novos materiais e técnicas construtivas, modelos experimentais, etc), o que, no entanto, implicaria em contrariar a premissa da espontaneidade na submissão de propostas e frequência de público que o caracteriza.

Além dessa dificuldade constatada, um dos aspectos mais inquietantes se percebe no fato do evento se ressentir de uma maior frequência de público discente nas suas apresentações, especialmente de alunos vinculados à pós-graduação, ou seja, justamente a quem primeiro pretendia atingir e atrair. E, reconheça-se, o seminário só faz sentido se se estrutura como uma referência importante de interlocução; afinal, assume-se que é o debate – heterogêneo e mesmo conflitante – que deve qualificar o evento. Para tanto, a participação de um público diversificado é fundamental.

Olhando em perspectiva, o evento revela impasses e potenciais que de alguma maneira são também, pode-se especular, constitutivos do próprio Programa de Pós-Graduação no qual se insere e do qual se nutre como solo fértil para discussões. Questões então que apontam para uma necessidade de reflexão mais abrangente e que não cabem no escopo desta comunicação.

Embora seja difícil precisar o alcance e a contribuição efetiva do Café para a vida acadêmica, não é demais reconhecê-lo como uma iniciativa produtiva e um contraponto necessário à pressão dos efeitos dos “mecanismos perversos” – lançando mão aqui de uma expressão cara ao professor Carlos Martins – da burocracia administrativa que tendem a reduzir cada vez mais as oportunidades de interlocução a ocasiões formais de bancas de qualificação/defesa, com todos os ritos e as restrições de discussão que são próprios a esses momentos.

Mesmo assim, não se pode deixar de apontar para o processo de consolidação de um espaço de oportunidades de (re)conhecimento e (re)aproximação do departamento das pesquisas nele desenvolvidas ou em elaboração, com sua própria produção, um lugar de reencontro e também ocasião para apresentação de investigações, em variado grau de desenvolvimento, que vêm a público, abandonando o habitual e quase monástico confinamento a que se recolhem frequentemente os pesquisadores, numa rotina de trabalho privado e solitário, com limitados canais de comunicação e exposição. Problema que, diga-se de passagem, não é exclusivo deste Programa – ao contrário, e apesar de todas as dificuldades, aqui tem se visto um esforço constante para a criação de espaços de interlocução interno, nacional e internacional.

2. Essa divisão não contempla a especificidade de alguns trabalhos ou mesmo aqueles que poderiam ser classificados como de caráter interdisciplinar; baseia-se tão somente nas duas grandes linhas de pesquisa existentes atualmente no Programa.

A aparente solidez do evento, contudo, não o exime de fragilidades de base. Surgido de uma convergência particular de interesses e em resposta ao que se percebia como uma demanda em aberto, a consolidação do Café com Pesquisa depende de um zelo contínuo da parte dos envolvidos em sua realização: alunos, professores, departamento; sem o que corre o risco de se dissipar com a mesma

celeridade com que se estruturou. É do arranjo e dos compromissos informais entre esses personagens que depende sua continuidade e sua desejada rotinização até o momento em que, alcançados seus objetivos, deixar de existir como um evento ocasional para ser, na medida mesma que se naturaliza, uma prática cotidiana na vida acadêmica.